

## MAS, COMO DEVEM FALAR AS PERSONAGENS LITERÁRIAS?

Dino Preti\*

*RESUMO: Procura-se responder à questão do título, estudando as relações entre a língua falada e a linguagem das personagens literárias. São descritas as possibilidades de análise das variações lingüísticas nos diálogos literários, com base nas teorias da Sociolingüística e da Sociolingüística Interacional.*

*PALAVRAS-CHAVE: personagem/linguagem; diálogo literário; variações lingüísticas; macroanálise e microanálise lingüística.*

**S** em pretendermos entrar, aqui, nos problemas complexos da literatura e suas relações com a realidade, voltamos apenas a alguns aspectos da transposição da língua falada para a literatura, por meio da fala das personagens e dos narradores de primeira pessoa.

Já vimos anteriormente (PRETI, D. 1984, 1993, 1994, 1996) que os autores, em particular os prosadores de costumes, procuram fazer do diálogo de suas personagens um elemento a mais para configurar uma época, aproximando-se, tanto quanto possível da realidade falada de seu tempo.

Sabemos que não é tão simples assim analisar e classificar a linguagem de um falante ou de um grupo social. Várias ciências, como a Sociolingüística, a Dialectologia, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação e, mais recentemente, a Sociolingüística Interacional, têm mostrado como uma simples conversação a dois torna-se um universo sociocultural em que é possível estudar, não apenas os falantes envolvidos, mas uma série de hábitos que fazem parte do uso lingüístico de toda uma comunidade.

---

(\*) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
Universidade de São Paulo (Pós-Graduação)

É certo que ninguém estuda a língua oral por meio de documentos literários, pelo menos a partir do momento histórico em que a ciência eletrônica criou os aparelhos de gravação. Mas será sempre uma incógnita para escritores, críticos e leitores julgar o mérito das vozes que intervêm na prosa literária, criando personagens e narradores “naturais”, isto é, integrados na “ilusão da realidade”, um dos índices da literatura.

Seria difícil nos limites deste artigo passarmos por todas as ciências da linguagem que deixaram contribuições para a análise das variações lingüísticas, estudando métodos diversos e, alguns, já em desuso. Vamos ater aqui apenas às duas grandes vertentes modernas de análise das variações lingüísticas, procurando relacioná-las com a sua forma de expressão na prosa literária. Dentre as muitas soluções criadas pelos prosadores, veremos algumas que demonstram, não apenas a preocupação de se aproximar da realidade lingüística, mas também a atitude de certos escritores que permite pressupor uma visão crítica da própria língua desligada dos usos de seu tempo.

## 1. A MACROANÁLISE DAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS

Pode-se fazer a análise das variações de comportamento lingüístico dos falantes, tomando-se como base as **variáveis sociais**, considerando-se, nos falantes, a sua faixa etária, sexo (gênero), profissão, escolaridade, origem geográfica, bem como suas **variáveis psicológicas**, seu tipo de pessoa que explicaria muitos aspectos de sua linguagem, como, por exemplo, seu ritmo de voz. Essas variações, associadas à **situação de comunicação**, isto é, às condições em que se desenvolve a conversação (local, grau de intimidade entre os falantes, tema etc.) poderiam fornecer pistas para uma análise próxima da realidade do comportamento lingüístico de um falante, permitindo classificar sua linguagem como **culta, comum, popular, vulgar** etc.

A Sociolinguística, em particular com os métodos variacionistas, comprovou estatisticamente inúmeras características dos falantes, surpreendidos e gravados em situações de comunicação diversas, para demonstrar como estas ou as características exteriores ao ato falado (a faixa etária e o grau de escolaridade do falante, por exemplo), podem explicar um sem número de variações presentes na interação falada.

Dentro dessa metodologia, os projetos linguísticos trabalharam com *corpora* extensos e um exemplo da aplicação dessa linha teórica é, entre nós, o Projeto NURC/SP (Projeto de estudo da norma linguística urbana culta na cidade de São Paulo), parte de um projeto maior (o NURC/Brasil). Na capital paulista, gravaram-se 316 horas com falantes cultos nascidos em São Paulo, para tentar comprovar que as pessoas formadas em cursos universitários tinham determinado comportamento linguístico que as diferenciava, por exemplo, dos falantes comuns de cultura mais modesta. As análises posteriores vieram mostrar que, no contexto da cidade grande, nem sempre essa hipótese se comprovaria suficientemente (PRETI, D., 1997).

Falando sobre esse método sociolinguístico descritivista para análise dos hábitos de linguagem dos falantes, diz uma linguísta francesa, a propósito da aplicação das teorias variacionistas a novas propostas de ensino:

“A observação, sem medida de exclusão, dos usos e subusos de um instrumento de comunicação faz aparecer, de início, sua extrema variedade no seio de uma comunidade determinada. Resulta daí que nos perguntamos o que é uma ‘comunidade’ linguística. Encontramo-nos diante de tal diversidade que não mais sabemos como classificar os usos observáveis, nem a que fator, ou melhor, a que emaranhado de fatores nos referimos. É preciso levar em conta a origem geográfica, a geração, o meio socioprofissional do falante (difícil de definir, na maioria das vezes); e, também, prolongar esta mesma pesquisa até os membros do círculo, capazes de desempenhar um papel no

curso de aprendizagem – pais, avós, criados, professores das primeiras letras... – ; considerar se o falante foi um primogênito, um caçula, se foi escolarizado prematura ou tardiamente, se se trata de um cidadão ou de um capesino, se teve contatos com outros idiomas, quando e como, etc. É preciso considerar ainda as situações de emprego do instrumento lingüístico, os diversos ‘níveis de língua’, pois não se fala a um familiar da mesma forma que a um professor. E não se esquecer de que o todo se complica devido à extrema mobilidade das populações atuais. É bem difícil separar, neste conjunto de fatores, os fatos predominantes que, no curso da aprendizagem tenham constituído, aos poucos, os hábitos de um falante.”(FRANÇOIS, D. 1979)

Apesar de a crítica ter sua procedência, esse método de investigação em que se levam em conta as características dos interlocutores e as condições em que se processa a interação pode chegar a uma classificação do falante ou dos grupos de falantes que se aproxima da realidade lingüística.

### 1.1. NA LITERATURA

No confronto dos vários fatores que incidem sobre o ato conversacional, também na literatura pode-se fazer uma avaliação mais precisa do diálogo ou da fala dos narradores de primeira pessoa.

Assim, num romance como *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida, o autor constrói uma cena de constrangimento, entre os interlocutores, descrita com o auxílio de abundantes reticências e das explicações do narrador para as frases entrecortadas, que causam um efeito de disfluência na fala de Leonardo, ao tentar declarar seu amor à Luisinha:

“ – A senhora... sabe... uma coisa?

E riu-se com uma risada forçada, pálida e tola.

Luisinha não respondeu. Ele repetiu no mesmo tom:

– Então... a senhora... sabe ou... não sabe?

E tornou a rir do mesmo modo. Luisinha conservou-se muda.

– A senhora bem sabe... é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

– Se a senhora não se zangasse... eu dizia...

Silêncio.

– Está bem... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada?

Luisinha fez um gesto de quem estava impacientada.

– Pois então eu digo... a senhora sabe... eu... eu lhe quero... muito bem.”

*(Manuel Antônio de Almeida – Memórias de um sargento de milícias, p.201)*

Observamos, aqui, uma variável psicológica do falante, que é a sua timidez, que o leva a uma situação de constrangimento, agravada pela falta de intimidade entre os interlocutores. Daí as repetições, as frases truncadas, as pausas, a disfluência natural da fala. Podemos dizer que se trata de um diálogo construído pelo autor com vivência da realidade linguística. Uma análise do texto nos levaria a entendê-lo como resultante dos fatores situacionais.

Sabemos que fatores como profissão, posição social, nível de escolaridade podem ser decisivos na interação para definir os níveis de linguagem e suas marcas, que podem aparecer em qualquer campo da língua, mas, no caso da literatura, predominantemente no léxico. Vejamos este trecho de Machado de Assis:

“Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

– Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado.

– Meu senhor! gemia o outro.

– Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio – o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele

preto era escravo dele.

– É, sim, nhonhô.

– Fez-te alguma coisa?

– É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.”

(*Memórias póstumas de Brás Cubas*, p.212)

O texto coloca frente a frente dois interlocutores de cultura e posição social diferentes. De um lado, Brás Cubas, homem de boa educação e posição social; de outro, o moleque Prudêncio, escravo alforriado, analfabeto. O tratamento gramatical usado por um e outro já os diferencia: *nhonhô*, para o antigo filho do dono; *tu*, para o ex-escravo. A linguagem deste identifica-se, no nível léxico, pelos vocábulos ofensivos populares (*diabo, besta, bêbado, vadio*); enquanto no nível sintático encontramos construções populares, como o uso do pronome pessoal *ele*, como objeto direto (*deixei ele na quitanda*); o verbo *ir* com regência de preposição *em* (*enquanto eu ia lá embaixo na cidade... para ir na venda beber*) além das repetições de palavras que lembram muito a linguagem popular (*deixei ele na quitanda... e ele deixou a quitanda*). Pode-se afirmar, pois, que o texto se aproxima bastante do que poderia ter sido um diálogo entre dois falantes social e culturalmente tão diferentes. E, portanto, resiste a uma análise das variações lingüísticas empregadas.

É sempre muito mais difícil para o escritor que, é óbvio, não conhece essas teorias sobre variações lingüísticas e que, só acidentalmente, teria um interesse por tais estudos com no caso de José de Alencar ( Cf. PRETI, D. 1984: 107), descrever as personagens mais populares, sem cultura, com baixo nível de escolaridade (ou mesmo, analfabetas) ou, então, crianças.

A avaliação da variável *escolaridade* nem sempre pode ser medida pelos diálogos, pois, em contextos urbanos principalmente, a grande vari-

idade de situações de comunicação faz com que até as pessoas comuns ou de pequena cultura tenham, no dia a dia, um comportamento lingüístico que pode aproximar-se das pessoas cultas, se o tema de seu diálogo for constituído de assuntos de seu conhecimento ou vivência. Na verdade, existem formas simples de falar sobre certos assuntos, as quais são acessíveis a falantes de qualquer nível cultural. De certa forma, o *uso lingüístico* é um patrimônio social comum e, em geral, não depende diretamente do grau de escolaridade do falante.

No entanto, quando em presença de vocábulos ou estruturas cultas, de uso mais comum na língua escrita e na literatura, os falantes menos cultos, os analfabetos ou as crianças ainda mal escolarizadas podem ver interrompidas as interações de que participam ou, se for um processo de leitura, perder o entendimento do texto.

Graciliano Ramos descreveu bem essa situação ao mostrar a surpresa de um garoto, em fase de letramento, ao deparar-se com uma estrutura sintática em que havia uma colocação mesoclítica do pronome, forma praticamente ausente da língua falada, mesmo em se tratando do verbo *ter*:

“Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: “A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém”.

Esse *Terteão* para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página da carta. As outras folhas se desprendiam, restavam-me as linhas em negrita, resumo da ciência anunciada por meu pai.

– Mocinha, quem é Terteão?

Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Terteão fosse homem.

Talvez fosse. “Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.”

– Mocinha, que quer dizer isso?

Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão.”

(*Infância*, p. 104)

Tanto o narrador, quanto Mocinha, sua precária professora de primeiras letras, são absolutamente verossímeis, no que se refere à sua linguagem. Quer dizer, são personagens que falam de uma forma próxima dos tipos sociais que representam. E esse texto, como os anteriores, constitui um exemplo expressivo de como a prosa literária retrata os problemas lingüísticos nas personagens.

O narrador de primeira pessoa (ou narrador-personagem) constitui uma excelente fonte de estudo para as variações lingüísticas, porque, embora nem sempre se processe um diálogo com outras personagens, existe uma interação verbal que se processa com o leitor, na qual o narrador define (e tem tempo para fazê-lo ao longo da narrativa) o seu nível de linguagem. Esse processo narrativo também pode converter-se, o que não é raro, numa confissão ao leitor, criando uma naturalidade que, valorizando a interação, torna a leitura agradável e fácil. É o clima obtido pelo “contador de histórias”, que teve em José Lins do Rego uma de suas expressões, no “romance de 45”, no Brasil.

Estabelecer os fatores socioculturais que incidem sobre o narrador não é difícil ao pesquisador, pois com o correr do texto, somos informados, em geral, de sua idade e sexo, grau de escolaridade, profissão, etc. e podemos avaliá-lo também nas várias situações de comunicação em que se envolve como personagem da história que está narrando.

O contista João Antônio nos dá um bom exemplo de um narrador-personagem, porteiro de boate em São Paulo, cuja linguagem prima pela coerência, aproximando-se do que seria um falante real, que vivesse no submundo da noite paulistana:

“Quem controla as mulheres manda no inferninho. Se uma casa da noite não tiver mulher, pode arriar as portas porque vai pro brejo. Os otários só entram por causa das vadias. Então, até o gerente e o dono da casa dependem da gente. O baralho todo está na nossa mãozinha. Nenhum porteiro de toda a



patota ganha mais de seiscentos cruzeiros por mês. E daí? Isso não está dizendo nada. Um leão ajuizado, cabeça no lugar, maneiro, jeitoso, arranca a erva de todos: do gerente da casa, dos fregueses e de tudo quanto for mocorongo que aparecer dando sopa. É verdade que precisa ser devagar, mas que a grana sai, sai. Falei.”

.....

“Que não sou menino, já disse. Moro na Zona Norte, lá onde o Judas perdeu as botas e viajar nos trens da Central não é refresco. Estou nos quarenta e oito, tenho dois bacuris no colégio, uma mulher honesta. Na minha casa em Inhaúma, tem uma horta e um papagaio que veio do Pará. Depois do almoço, me distraio cachimbando, dando uma capinada na terra e apanhando sol. Gosto disso tudo e bem. Também acontece que os meus cabelos estão pintando de branco. E não posso brincar em serviço. Não será agora, raspando a velhice, que facilitarei, dando as costas para algum, mais malandro, me fisgar e afanar a vida. Leão também morre, sabia?

(*Leão de chácara*, p.14-16)

Embora predominem, no texto, vocábulos e expressões gírias, a confissão ou depoimento do *leão de chácara* ( expressão gíria com o sentido de “porteiro de boate”) está expressa em linguagem coloquial, procurando aproximar-se da oralidade e incluindo mesmo interrogações ao suposto interlocutor. Na análise desse tipo de textos, importa observar até que ponto o autor mantém essa unidade, que demonstra, acima de tudo, um refinado processo de elaboração literária.

## 2. A MICROANÁLISE DAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS

Teorias mais recentes da Lingüística dedicam atenção especial ao ato de fala, considerando o momento de sua realização e examinando todos os fatores que podem influir na interação, principalmente seus as-

pectos cognitivos com relação ao ouvinte. É o campo da Sociolinguística Interacional, desenvolvido a partir dos anos oitenta. Segundo esta, será preciso levar em conta no ato conversacional as chamadas estruturas de expectativa (TANNEN e WALLAT, 1993), isto é, o que o ouvinte “espera” que o falante fale e em que tipo de linguagem o faça. Corresponder a essa expectativa contribui para o estabelecimento de um conveniente “modus vivendi conversacional”, para empregarmos uma expressão de um lingüista americano (GOFFMAN, 1989).

Uma quebra de expectativa do ouvinte poderá estar ligada aos seus **esquemas de conhecimento** (TANNEN e WALLAT, idem), porque o que ele ouve é comparado continuamente à própria experiência de vida, à sua visão anterior do mundo. No que se refere à linguagem propriamente dita, os esquemas de conhecimento formam uma **atitude lingüística**, ou seja um julgamento do que constitui a linguagem ideal para determinada situação de comunicação. Por outro lado, os esquemas de conhecimento servem como elemento cognitivo fundamental para preencher informações não proferidas durante a interação, em decorrência natural de experiências anteriores compartilhadas pelos interlocutores. Por outras palavras, o falante pode deixar de dizer algo ou mencionar pormenores de um fato, porque seu interlocutor já entendeu o que ele queria dizer e esses implícitos fazem parte dos conhecimentos compartilhados por ambos. Daí serem naturais, na conversação, as estruturas partidas, as frases inacabadas, os vocábulos soltos etc.

A interação verbal pressupõe sempre uma atenção especial dos interlocutores, pois muitas frases são ditas com intenções diferentes do que parecem significar. Assim, diz-se que “enquadramos” nossas frases dentro dos objetivos que temos em mente ao falar. Ritmo, intensidade de voz, tom irônico, vocábulos adequados ou aparentemente impróprios, etc. podem ser ou não percebidos em **frames** (enquadramentos) diferentes, para dar idéia de ofensa, pouco caso, carinho, humor, malícia, ironia, interesses

secundários, etc. Os frames estão diretamente ligados ao que está acontecendo na interação verbal e são fundamentais para a compreensão da linguagem empregada pelos interlocutores. Ao falarmos, mudamos constantemente de frames e, muitas vezes, o ouvinte não se dá conta da mudança, por não sermos suficientemente explícitos, o que pode causar incompreensão, desentendimentos, discussões, ofensas por não compreendermos, por exemplo, que nosso interlocutor “estava brincando” ao proferir certa frase, ou seja, havia mudado de frame sem que o percebêssemos.

Os frames têm aspecto dinâmico na conversação. Mudam constantemente de direção, variam de ouvinte; revelam posturas diferentes do falante; podem justificar frases desligadas da situação, motivadas por alguma ocorrência paralela durante a interação; projetam o *eu* do falante, na relação com o ouvinte ou consigo mesmo ou com o próprio discurso. Enfim, os frames “passeiam” pelo discurso e é preciso estar atento a esse **footing**, palavra pela qual é conhecido esse fenômeno conversacional (GOFFMAN, 1981), em que a linguagem de um interlocutor muda de **alinhamento**, ou seja, dirige-se a outros interlocutores ou fala de outras coisas, de repente.

Portanto, centrando-se com interesse especial na situação de comunicação, a microanálise das variações lingüísticas trabalha com fatores interacionais que interferem na linguagem e na cognição do discurso (independentemente de fatores socioculturais ou ao lado deles) e são perceptíveis até nas conversações diárias comuns, nas interações aparentemente sem importância do dia a dia, nas entrelinhas do que dizemos e de como o dizemos.

A microanálise, centrada numa situação de comunicação específica, pode ser uma contribuição para a macroanálise das variações lingüísticas. Mas é preciso lembrar que, na linha da microanálise lingüística, o analista não está preocupado em estereotipar a linguagem falada dentro de classificações mais rígidas que, nem sempre, explicam suficientemente o comportamento dos interlocutores, durante a interação verbal; e muito menos em recorrer às estatísticas para comprovar as variações.

## 2.1. NA LITERATURA

De uma maneira geral, pode-se dizer que, na linguagem literária, em particular no diálogo, apesar de todas as tentativas dos escritores de se aproximarem da língua oral, existe um limite bem demarcado entre a transcrição de um texto falado e a linguagem literária, imaginada pelo escritor para fazer corresponder à realidade, pelo menos na prosa de costumes. E esse limite é determinado pelas **estruturas de expectativa** do leitor, pelo seu grau de aceitabilidade das formas orais na linguagem escrita, ou seja, pelo que ele “espera” encontrar num texto literário, desde que, *a priori*, ele o admita como tal.

O peso da tradição da linguagem culta para o narrador (principalmente, o onisciente, de terceira pessoa) e as variações lingüísticas da linguagem das personagens e do narrador de primeira pessoa sempre estiveram de acordo com certos limites impostos pela tradição cultural. Para o emprego de uma linguagem popular, mais livre, com a aceitação de gírias, modismos populares, quebra de tabus lingüísticos, seria necessário que essa atitude do escritor correspondesse a uma necessidade do texto, a uma verdade artística. E, certamente, “o grau de aceitabilidade dessas formas dependerá de contexto literário, da convicção do leitor de que elas são absolutamente indispensáveis para que o autor realize convenientemente sua ‘realidade’ lingüística na obra.” (PRETI, D. 1993:228).

Uma microanálise das variações lingüísticas no diálogo literário deve contar, quase sempre, com as contribuições do narrador, de sua maneira de descrever a situação de comunicação. É por meio dele que sabemos aspectos importantes de como as personagens interagem no diálogo e podemos avaliar, então, até que ponto as falas correspondem a uma realidade lingüística:

“Já é dia”, disse para ela. “Você já pode tirar a máscara”.

“Você quer mesmo que eu tire?” *perguntou* ela.

Íamos andando pela rua, sós. As outras pessoas tinham desaparecido.

“Já é dia”, *repeti*, achando boa a razão que eu apresentava. “Além do mais, o carnaval acabou”, *disse com certa tristeza*. “Hoje é quarta-feira de cinzas.”

“Você quer mesmo que eu tire?” tornou ela.

“Já é dia”, *insisti*.

Continuamos andando. *Eu de mau humor*.

“Vamos para minha casa?” *perguntei, urgente e sem esperança*.

“Não posso tirar a máscara”, disse ela.

“Não tira”, *disse decididamente*. Mas estava *apreensivo*. Não havia tempo a perder. “Vamos”.

Como ela não respondesse, eu a peguei por um braço e levei para minha casa.

Quando entramos, ela disse:

“Não posso”.

“Tirar a máscara?”

“Quem falou em tirar a máscara?” disse ela, botando a mão no rosto e dando um passo para trás.

“Eu não falei em tirar a máscara”, *defendi-me*. “Foi você, dizendo ‘não posso’.”

“Eu não falei na máscara”, *protestou* ela. “Não posso outra coisa”.<sup>1</sup>

(Rubem Fonseca. “Teoria do consumo conspícuo”. In: *O homem de fevereiro ou março*, p. 64-65)

Assinalamos, no texto, todas as informações que o narrador nos dá sobre o desenvolvimento do diálogo. As falas das duas personagens são descritas pelos vários estados que atravessam durante a interação: dúvida, repetição, tristeza, insistência, mau humor, urgência, desesperança, decisão, apreensão, defesa, protesto. Os leitores reconhecem, pela hipotética entoação das frases, todos esses estados expressos pela fala de cada um e transcritos no texto com o auxílio da pontuação e da descrição do narrador. É com

(1) Mantivemos a pontuação original do autor, colocando entre aspas as falas das personagens.

esses recursos da língua escrita que conseguimos imaginar como a conversação acontece na história. E está na precisão do narrador a força de tornar vivo o diálogo que lemos.

Às vezes, esse processo não depende apenas das informações do narrador, ao lado das falas, mas de um contexto discursivo maior. Conhecendo a história, vamos interiorizando o fatos, formamos nossos esquemas de conhecimento que nos permitem partilhar também de informações não explicitadas no diálogo, porque se referem a fatos anteriormente conhecidos por falante e ouvinte:

“Leonardo ouviu tudo sem interromper, procurando sopear a raiva; e enquanto Chiquinha tomava fôlego, respondeu com voz trêmula e entrecortada:

- Não se meta com minha vida, porque eu também não me importo com a sua; se estou com os azeites...

- Ah! bom côvado e meio! atalhou Chiquinha, ah! *bordo de nau!... ah! major Vidígal!...*

- Já lhe disse...

- Qual já lhe disse, nem meio já lhe disse!... *namorado sem venturas...*”

Estas palavras fizeram o efeito de uma faísca em um barril de pólvora.”

(Manuel Antônio de Almeida - *Memórias de um sargento de milícias*, p. 178)

As expressões assinaladas, soltas sintaticamente no diálogo, remetem aos esquemas de conhecimento de ambos os interlocutores. Por isso, como na fala real, não haveria necessidade de se completarem as frases. Além disso, toda a cena vem com informações do narrador sobre o estado de espírito dos interlocutores, de tal forma que fica descrito com perfeição o contexto em que as alusões ofensivas são proferidas.

Ainda na teoria da microanálise lingüística, podemos observar um processo de footing, mobilidade de frames e alinhamento, no início de um conto de Rubem Fonseca:

“A cidade não é mais aquilo que se vê do Pão de Açúcar. Na casa de Gisele?”  
“Foi”, respondeu FA.”

(“O caso de FA.”. In: *O homem de fevereiro ou março*, p.191)

Enquanto o narrador-personagem comenta a visão da cidade que está observando pela janela, refletindo em voz alta sobre as mudanças que estão acontecendo no Rio de Janeiro, FA., o seu interlocutor, está informando qualquer coisa com relação a um contexto anterior que não conhecemos. Ouvindo essa informação, o narrador-personagem realinha seu diálogo, muda de frame, sai de um conjetura vaga motivada pela paisagem e completa sua fala com uma pergunta objetiva, dirigida a seu interlocutor: “Na casa de Gisele?”

Nesse mesmo conto, uma das características do narrador-personagem, advogado de vida livre que trabalha na área criminal, é tentar contrapor sua linguagem, repleta de gíria e palavrões à linguagem contida, cuidadosa de seu cliente, FA., um conselheiro de Estado, que emprega inúmeros eufemismos sobre o assunto em torno do qual gira a narrativa, isto é, a prostituição, a vida de um bordel, a conquista amorosa, etc. Há razões na trama que explicam essa agressividade, contra a qual se revolta o conselheiro, que “espera” do advogado também uma linguagem mais tensa, mais profissional. E essa quebra de expectativa é várias vezes mostrada no diálogo:

“A Gisele está desconfiada”.

“Desconfiada de quê?”

“De mim!”

“Meu Deus!...”

“Não faz drama. Deus não existe. E se existisse não ia fazer porra nenhuma por você.”

“O que você vai fazer?”

“Não sei.”

“Você gosta de martirizar...”

“Ora vai te foder!...”

“Por que toda essa pornografia?”

“Digo vá ter relações sexuais com Vossa Senhoria mesmo!”

(idem, p. 205)

Embora sem as informações do narrador, é perfeitamente possível perceber que a partir da frase “Você gosta de martirizar...”, dita pelo conselheiro, há uma mudança de frame (ofensa/ironia) nas frases do narrador-personagem, pelo uso de uma frase em linguagem culta, para substituir o verbo obsceno. Ambos os frames, na verdade, se inserem dentro da agressividade, bem manifestada pelo narrador-personagem, a partir da impaciência de sua fala “De mim!”.

Estes exemplos nos mostram que o analista pode estudar sob novos enfoques a interação nos diálogos literários, observando os esquemas de conhecimento, a mobilidade e realinhamento dos frames, as estruturas de expectativa. São elementos que ajudam a julgar como as cenas dialogadas são construídas e até que ponto elas nos passam a sensação de realidade, definindo os bons prosadores.

## CONCLUSÃO

A macro e a microanálise das variações da linguagem nos levam, pois, a idéia de que é possível estabelecer um modelo teórico de análise da fala das personagens e dos narradores de primeira pessoa (ou narradores-personagens), bem como da interação verbal, mediante o levantamento dos seguintes elementos:



1. Levantamento das variáveis socioculturais e psicológicas das personagens, informadas ao longo do texto pelo narrador ou pelas próprias personagens;
2. Análise dessas variáveis lingüísticas, dentro das situações de comunicação ocorridas durante a narrativa;
3. Estudo da interação, com primazia para os elementos situacionais, fornecidos pelo narrador ou pelas personagens, observando o processo de footing, os esquema de conhecimento, as estruturas de expectativa dos interlocutores, ao longo da narrativa.

Os resultados deveriam ter como base de comparação os conhecimentos do analista sobre a língua oral de cada época, o que torna o romance contemporâneo mais adequado para esse tipo de análise.

Uma perigosa coerência de linguagem da personagem, descon siderando-se a situação de comunicação; o desencontro da presença de variantes lingüísticas diferentes dentro de situações semelhantes; uma obediência cega aos preceitos gramaticais e à norma culta seriam os problemas mais prováveis nesse tipo de análise, resultante, em geral, de uma atitude lingüística que tem procurado, em várias épocas, identificar a norma lingüística culta com a “norma literária”, exigindo, por exemplo, uma correção gramatical, até mesmo nas personagens de menor escolaridade, em decorrência, quase sempre, das estruturas de expectativa do leitor, nas várias épocas históricas.

*ABSTRACT: This paper aims to answer the question posed by it's title, looking at the relationship between spoken language and the language used by literary characters. It describes possible analyses for linguistic variation in literary dialog, using Sociolinguistic and Interational Sociolinguistic Theories.*

PRETI, Dino. *Mas, como devem falar as personagens literárias?*

**KEY WORDS:** *character/language; literary dialog; linguistic variation; macro-analysis of linguistic variation; micro-analysis of linguistic variation*

## BIBLIOGRAFIA

### Lingüística:

FRANÇOIS, Denise (1979). "A noção de norma lingüística". In: MARTINET, Jeanne. *Da teoria lingüística ao ensino de língua*. Trad. de Yara Pinto D.de Souza. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.

COFFMAN, Erving (1981). *Forms of talk*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

\_\_\_\_\_ (1989). *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria Célia. S. Raposo. Petrópolis, Vozes.

PRETI, Dino (1984). A língua oral e a literatura: cem anos de indecisão. In: PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo, TA. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1993). A língua falada e o diálogo literário. In: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo, Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

\_\_\_\_\_ (1994) *Sociolingüística – os níveis de fala – um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*. 7 ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1996) "Diálogo literário e realidade lingüística". *Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1º semestre, nº 11, p. 57-65.

\_\_\_\_\_ (1997) A propósito do conceito de discurso oral culto. In: PRETI, Dino (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH.

TANNEN, Deborah & WALLAT, Cynthia (1993). "Interactive Frames and Knowledge Schemas in Interaction: Examples from a Medical/Interview". In: TANNEN, Deborah (ed.) *Framing in discourse*. New York/ Oxford, Oxford University Press.

### Literária:

ALMEIDA, Manuel Antônio de (1952). *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo, Martins, 1952.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1960). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro.

FERREIRA FILHO, João Antônio (1975). *Leão de chácara*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

FONSECA, Rubem (1973). *O homem de fevereiro ou março*. Rio de Janeiro, Artenova.

RAMOS, Graciliano (1953). *Infância*. 3 ed. Rio de Janeiro, José Olympio.